



Director literario:
Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Luiz Collares
PAPUSSE

■ **“ZÉ,, PALONÇO** ■



«Zé» Palonço, um pouco bronco, recebe ordem do patrão para cortar certo tronco, a uns três metros do chão.



Como não é muito alto, e não tem um banco ao pé, «Zé» Palonço, dando um salto, marinha qual chimpanzé.



Já no tronco escarranchado, com ligeireza e despacho, vai dando com o machado e corta o tronco por baixo.



Entretanto cai o tronco e um tremendo trambolhão atira Palonço bronco, em pantanas, para o chão!

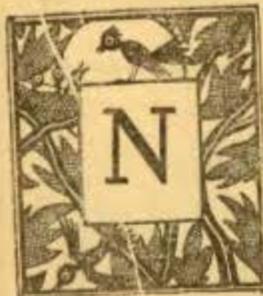
Meninos toca, a evitar reflexões como esta, porque p-dem apanhar um grande galo na testa.



O SONHO DO PRÍNCIPE WLADIMIRO

— Por DUAS MARIAS —

Desenhos de EDUARDO MALTA



UMA das mais lindas cidades do Oriente, existia, há séculos, um palácio encantador. Quem o visse julgava, pelo seu aspecto, haver nele a maior alegria. Porém os seus habitantes, os príncipes de... viviam mergulhados na maior tristeza.

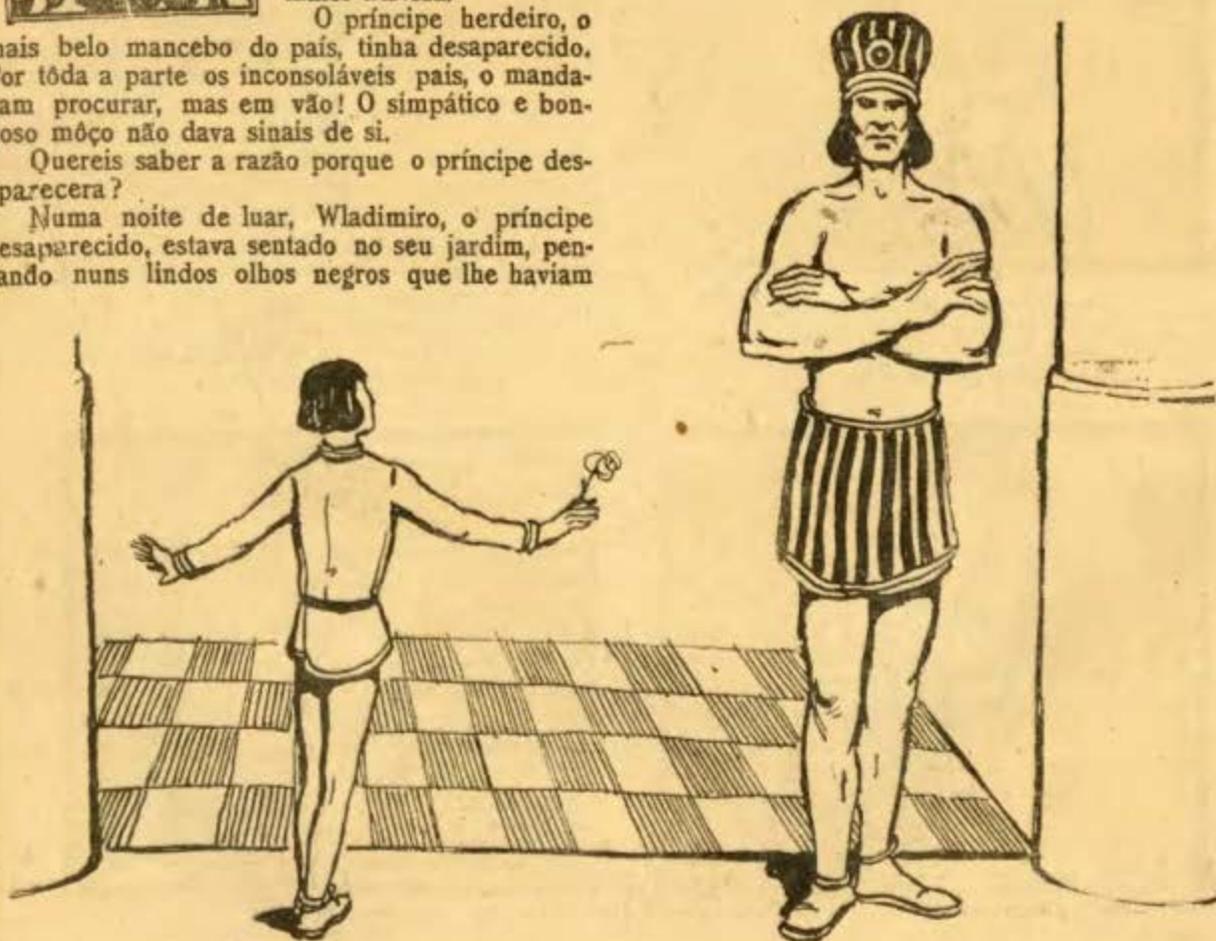
O príncipe herdeiro, o mais belo mancebo do país, tinha desaparecido. Por toda a parte os inconsoláveis pais, o mandavam procurar, mas em vão! O simpático e bondoso moço não dava sinais de si.

Quereis saber a razão porque o príncipe desaparecera?

Numa noite de luar, Wladimiro, o príncipe desaparecido, estava sentado no seu jardim, pensando nuns lindos olhos negros que lhe haviam

aparecido em sonhos. No meio da sua meditação, pareceu-lhe que alguém o chamava; levantando a cabeça, viu na sua frente uma claridade que o deslumbrou. Do meio dessa luz maravilhosa, caminhou para ele uma gentil figura de mulher que lhe disse:

— Eu sou a fada do amor; vou dizer-te onde se encontra a princesinha Marília, possuidora dos olhos negros com que sonhaste esta noite. Se a





queres conhecer, segue-me. A princesinha encontra-se há anos mergulhada num longo sono do qual só despertará quando um príncipe bom e corajoso, como tu, a fôr libertar dum tigre, que a guarda, deitado aos pés do seu leito de marfim. Terás tu coragem para arrostar com os perigos, que encontrarás no teu caminho? Se a tens, vem sem perda dum segundo.

Wladimiro, sem hesitar um momento, levantou-se e seguiu a radiosa aparição, que lhe entregou uma rosa, dizendo:

— Tocarás com esta flôr em tôdos os obstáculos que encontrares no teu caminho e logo êles desaparecerão como por encanto. O príncipe despediu-se da fada e seguiu o caminho indicado por esta.

Farto de andar, cheio de sono e cansaço, sem encontrar nada do que lhe haviam dito, Wladimiro, desanimado, sentou-se a descansar, quasi arrependido de ter acreditado nas palavras que lhe dissera a linda figura.

De repente, ouviu, a seu lado, um silvo agudíssimo. Voltando-se, viu uma enorme serpente que parecia querer devorá-lo. Lembrando-se das palavras da fada, tocou com a rosa no peçonhento reptil, que logo desapareceu, desfazendo-se numa nuvem de fumo. Convencido de que não perdia o seu tempo, pôs-se novamente a caminho à procura da dama dos seus sonhos. Caminhou, caminhou, por montes e vales, os pés ensangüentados já, trazia, quando se lhe deparou o palácio encantado. Um silêncio de morte reinava à volta deste. Uns largos portões de ferro abriam-se de par em par.

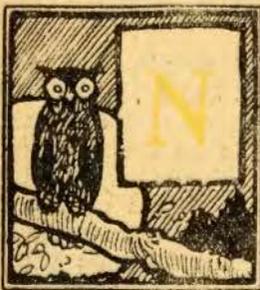
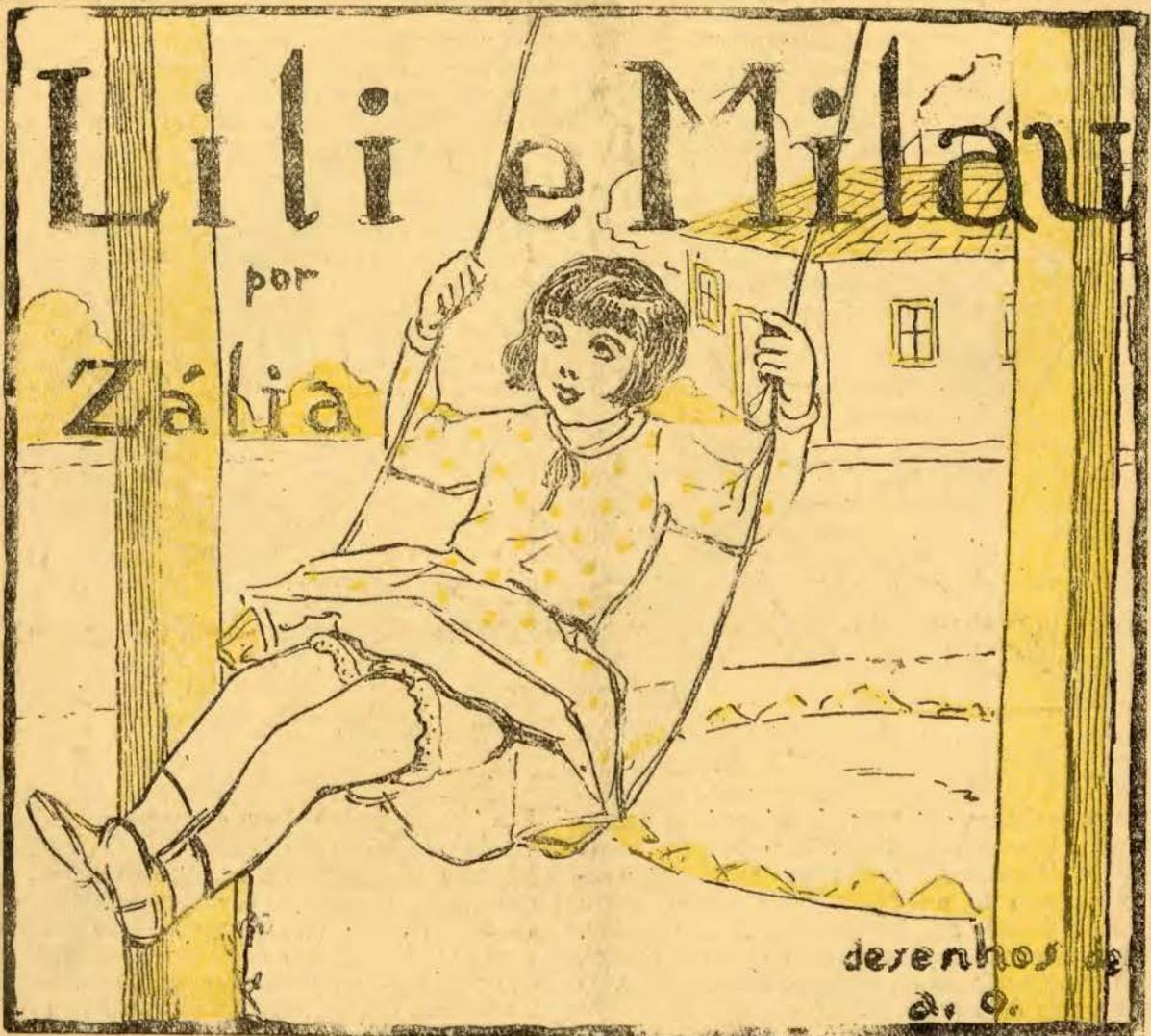
Um índio, grande colosso de braços cruzados, servia de sentinela áquele vetusto palácio. Wladimiro, julgando adormecida, a monstruosa figura, avançou e quasi transpunha os enormes portões, quando sentiu que o empurravam. Era o índio que, vendo um intruso nos domínios que guardava, se enfurecera e o tratara daquele modo. O jovem, sentindo-se tão maltratado e não perdendo a coragem, atirou-lhe com a flôr, caindo imediatamente o índio a seus pés, inanimado. Uma enorme escadaria estava na sua frente. Subiu-a; entrando no palácio, percorreu-o, logo, na ância febril de encontrar a sua princesinha.

Num quarto de ouro e diamantes, estava deitada no seu leito de marfim, Marília, como a fada tinha predito. Louco de alegria, sem se lembrar do perigo que corre, penetra na maravilhosa alcôva, quando, dum salto, o tigre o alcança, travando-se uma luta entre ambos. Estava quasi a succumbir o destemido môço, quando se lembrou da flôr, que mais uma vez o tinha salvo de perigos eminentes; atira-a à fera que logo caiu morta.

O palácio, que até ali estava adormecido, acordou, juntamente com as personagens que o habitavam.

Marília, corre para o seu salvador que abraça eternecidamente, partindo ambos para o palácio dos príncipes de... os quais rejubilaram de alegria ao vêr regressar o seu filho tão querido.

Passados dias realizaram-se os esponsais do príncipe Wladimiro com Marília, a princesa dos olhos negros. O povo aclamou-os delirantemente, pedindo a Deus para tão lindo par, as maiores felicidades e bênçãos.



UM retalho de verdura, da nossa linda terra, ergue-se uma casita modesta, com a sua capoeira, o seu pomal e, a embelezar o pequeno casal, um jardimzito. Ouvem-se cantar os passaritos, rumorejar o regato que perto passa, cacarejar as galinhas, e, de quando em quando, o guarda da casa, um lóbo da

Alsácia, faz ouvir o seu ão! ão! como para prevenir de que está álferta.

É nesta casa que vivem, com seus pais e dois criados, Lili e Milau. Lili é uma garôta de seis anos, travessa, irriquieta, de excelente coração, mas um pouco despótica. Aprende com facilidade o que lhe ensinam, mas que de esforços não são precisos para lhe prenderem a atenção! Sabe lêr regularmente, escrever menos mal, já faz as três primeiras operações e anda nos primeiros exercícius de piano. Não gosta de brincar com as suas bonecas; o seu maior divertimento consiste

em balouçar-se num trapézio, que lhe fizeram no quintal. É uma ventoinha; nada pára com ela. Bate nos criados e gríta quando não lhe fazem a vontade.

Milau, a sua irmãsita, conta oito meses; é um encanto. Sempre risonha, muito socegadinha, gosta de estar sentada no chão e com tudo se entretém. Uma roca, uma caixa de folha com uma pedrita dentro, uma bola de celulóide e um coelhito de pano, constituem os seus brinquedos.

Já se arrasta, e, quando se cansa, estende-se, deita a cabecita no pavimento e gríta para que a tirem daquela posição. Tôdos correm para ela, que, muito contente, começa com a sua algaraviada, que só ela sabe o que quere dizer.

Dá! dá! dá! tá! tá! tá! nhanha! nhanha! nhanha! balbucia ela de manhã à noite, e, às vezes, por acaso, muito a propósito.

Um dia, Lili foi à vila mais próxima e trouxe rebuçados dos que têm a envolvê-los retratos dos artistas do cinema, que as crianças colocam em uma caderneta, para se habilitarem «a uns grandes prémios», segundo a expressão de Lili.

Milau ainda não sabia o que eram rebuçados; olhava muito admirada e com a mãosita estendida dizia: *dá! dá! dá!* Lili não lhe deu nenhum; tinha medo que lizessem mal à sua menina, que, numa noite muito fria, o Menino Jesus-tinha vindo depôr à sua porta, e fugiu para a rua, onde, muito gulosamente, se propunha faze-los desaparecer, um a um, nessa boquilha vermelha, ávida de guloseimas. Junto a ela pára uma pobre pequena, que olha extasiada para os rebuçados de Lili. Que boas devem ser aquelas coisas! Lili reparou nela e perguntou-lhe: — gostas de caramelos? Ela sabia lá o que era isso! Gostava de coisas doces, sim, mas sua mãe mandava-a pedir pãosinho para fazer a sôpa e quando lhe davam algum dinheiro, corria a entregá-lo à sua mãesinha, coitadinha, que era muito pobre e tinha muitos filhos.

Então Lili, num rasgo do seu coração generoso deu os rebuçados à pequena, que não acreditava no que via, e, guardou para si só um, para vêr se eram tão bons como os outros que ela já tinha comido noutras ocasiões.

Nêste momento, chegou junto dela a mãe, com

a pequenina ao colo e diz-lhe: — Lili, dá um rebuçado a tua irmã; ela já pode chupá-lo.

Lili deu-lho e a mãe viu que nas suas mãositas não ficara nenhum. Admirada, perguntou-lhe: — já comeste os rebuçados tôdos? — Não, mamã, aquela menina... (e apontava para a pequena que se afastava). não tinha ainda comido caramelos e eu dei-lhe os meus, ficando apenas com êsse que agora dei a Milau.

Torna-lhe a mãe: — e porque não disseste isso? Podias ter comido o que deste à tua irmã-sita!

— Não faz mal, mamã; eu fico com es retratos para colar na caderneta. Comerei de outra vez, e, voltando-se para a pequenina, perguntou-lhe: — está contente? É a pequenita, muito entretida a chupar no seu doce, olhou para a irmã, sorriu e respondeu: *tá! tá! tá! dá! dá! dá!*

Tôdos riram e Lili foi beijada enternecidamente por sua mãe, que lhe aconselhou que fôsse sempre boa e proccdesse sempre assim.

F I M



BREVEMENTE:

Sensacional novela infantil por
 AUGUSTO DE SANTA-RITA
 com ilustrações de EDUARDO
 : : : MALTA : : :

“Pé leve” e Chiquinho

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
Desenhos de EDUARDO MALTA

«Pé-Leve» — o ardina — saltitante às vezes, qual pardalito na eira, outras veloz como um foguete preste a estralejar, embora nada tivesse além do que avesava ao moirer na venda dos jornais, era alegre, jovial, contente de viver.

Adelgado e magro, mas saudável e rijo, em seus olhos espertos se reflectia e espelhava a insaciável curiosidade infantil do seu espírito vivo, irrequieto e sagaz. Tinha 8 anos apenas mas já sabido e experiente que nem sábio de oitenta, vivido em remotas eras, quando a Arvore da Sciência, simplesmente florida, não dera ainda seus frutos século XX: — telefones, combóios, autos e gasolinhas ou caravelas voadoras. Por ser assim, pois, saudavel e rijo, irrequieto e

sagaz, o pequenino «Pé-leve» era alegre, jovial, contente de viver.

Chiquinho, menino rico, anêmico, franzino, olheirento e pálido, à fresca sombra duma copada lúcia-lma aromática, que ornamentava o jardim do seu solar avoengo, passava dias e dias na cadeirinha travada, de quasi entrevadinho por sucessivas horas de repouso.

Orfão de mãe, raramente saía, quasi sempre olvidado pela egoista madrastra, há muito tempo em viagem com o querido papá que o deixara aos cuidados, bem pouco zelo-

(Continua na página seguinte)

Para os meninos colorirem

O PTÉROIS

Indicação: — As faixas ponteadas do corpo do peixe pintam-se a vermelho carregado, alternadamente.

O resto do corpo, desde essa cor, um pouco mais clara, até ao cor de rosa vivo das barbatanas anal, caudal e segunda dorsal, em diversos cambiantes. A barbatana ventral a vermelho e a peitoral a vermelho carregado. Os raios da primeira barbatana dorsal em cor de rosa com faixas vermelhas.

Quanto às algas: — As compridas do segundo plano do lado esquerdo, pintam-se a verde, mais carregado nos

sítios sombreados. As outras que estão por detrás, a verde mais claro. A alga que está em baixo, com uns buracos, a vermelho vivo, alaranjado. A que está por baixo da cabeça do peixe, a amarelo-limão, mais escuro nas sombras. A que está por baixo da cauda, pinta-se a amarelo torrado, com verde e encarnado nas sombras. A que está inferior a esta num tom avermelhado, assim como a do lado. As outras tôdas a verde mais ou menos claro. A areia e as rochas a amarelo torrado. A água azulada, esverdeada nos cantos superiores.

N. B. — As anêmonas e estrêlas do amar vermelho claro

